

Nome: Priscila Aragão Zaninetti
E-mail: pri_zaninetti@hotmail.com
Instituição de Ensino: UFSCar
Orientador: José Eduardo Marques Baioni

AS HISTÓRIAS E O TEMPO NA CONCEPÇÃO VOLTAIRIANA DE HISTÓRIA

Resumo: Em seu texto “Historia Magistra Vitae – Sobre a dissolução do *topos* na história moderna em movimento”, Reinhart Koselleck trata da substituição do termo referente à *história* que sobrepôs ao termo francês *Historie*, o termo alemão *Geschichte*. A substituição, no entanto, deve ser compreendida como uma etapa inserida em um processo de transformações semânticas que pôde se desvincular do primeiro termo por combinar o esvaziamento do seu sentido com o surgimento de um outro e, ainda, o gradativo intercâmbio entre os dois. A *Historie* enquanto o relato dos fatos do passado com valor pragmático, passível de ensinar o homem do presente com os feitos daqueles que o antecederam, estará circunscrita ao relato que se considera exemplar e, assim, submetida à moral, à religião e à verdade. O surgimento da *Geschichte* concede certa autonomia a esse âmbito do conhecimento humano, já que desvincula o acontecimento do passado de uma função pragmática e o considera como um fato em si.

O *topos* da história como mestra da vida, nos diz Koselleck, durou cerca de dois mil anos e a sua longevidade foi proporcionada pela variação das formulações que recebeu. A revolução histórica que pôs fim, no século XVIII, a essa longevidade, foi ocasionada por mudanças nas condições que a sustentava. O processo de temporalização da história em sua singularidade contribuiu para aquela revolução, na medida em que alterou a concepção da relação do passado com o futuro e da experiência do presente que os compreende e organiza: a história toma para si um tempo que lhe é próprio quando deixa de ser a reunião de relatos dispersos daquilo que se considerava digno de repetição e, portanto, vinculados à duração da vida dos homens do poder, tanto estatal, quanto religioso, ou ainda, vinculados à duração dos eventos naturais; e passa a ser o conjunto complexo dos acontecimentos que têm no presente a sua convergência e realização. Sendo assim, a decisão atual que constitui o futuro, se antes era condicionada pelo reconhecimento, no presente, de circunstâncias que envolveram um determinado acontecimento do passado para que o ensinamento que dele foi formulado seja aplicado; agora é o espaço da experiência humana que, sem tutela, abre-se para a imprevisibilidade do que ainda está por se construir.

A reivindicação da separação entre a história e a história natural e sagrada é aquilo que compõe a definição do verbete *história* na Enciclopédia de D'Alembert, verbete cujo autor é Voltaire. Além disso, a definição nos diz também que “a história é o relato dos fatos dados como verdadeiros”. Comprometida com a verdade, a história está atrelada à atividade do homem capaz de identificar os elementos fabulosos na história antiga e de escrevê-la adequadamente daqui pra frente, isto é, de acordo com os preceitos racionais. Esse homem – o historiador – se torna capaz de escrever a história do gênero humano e separá-la daquela que já foi feita, mas que está impregnada pela mitologia e pelos preconceitos religiosos, porque se insere em um tempo específico, tempo em que os avanços do conhecimento humano permitiriam a tomada de um posicionamento crítico em relação ao passado envolto em trevas e ao futuro que, indeterminado, reserva a possibilidade de alastrar para a humanidade a aurora da razão.

A atividade crítica que move o projeto iluminista de secularizar todos os âmbitos do conhecimento humano e que se condensa no âmbito da história, para Voltaire, na figura do historiador; parece pressupor a consideração da história como um todo interligado e dotado de ordem interna, consideração que se aproximaria das formulações de Koselleck sobre a história como *Geschichte*. O outro pressuposto de tal projeto e do qual falávamos anteriormente, a saber, o desenvolvimento de uma civilização que esteja combinado às conquistas do desenvolvimento racional e que ainda deve se empenhar para o desvelamento do passado, quando se debruça no âmbito da história, pretende que dela estejam excluídas as elaborações que são frutos da fantasia e da ilusão. Esse comprometimento com a verdade, no entanto, está relacionado a uma função pragmática que Voltaire parece manter na sua concepção de história, função que poderia ser identificada tanto no verbete já citado, quanto ao longo da obra *A filosofia da história*, quando o filósofo afirma que uma história circunscrita a relatos verdadeiros é condição para a boa educação dos príncipes, assim, a história ainda sustentaria o passado como o compêndio dos exemplos a serem seguidos, o que aproximaria a concepção voltairiana de história das formulações da história como *Historie*.

Nesse sentido, propomos que o objeto do nosso trabalho seja a investigação da legitimidade de uma hipótese: a concepção voltairiana de história; submetida ao crivo da verdade e desenvolvida pela atividade crítica que pretende separar dela a fábula, as construções da mitologia e da religião, conserva as resoluções da história como mestra da vida, enquanto formula a reivindicação característica do século iluminista de autonomia para o pensamento, autonomia e capacidade de generalização do discurso

suficiente para que a história possa abarcar o gênero humano como um todo; tal concepção, portanto, parece combinar em si o conceito de história herdado pela tradição e aquele outro que ainda está sendo forjado na modernidade. A combinação desses dois conceitos nos permitiria relacionar a concepção voltairiana de história com aquela transição semântica apresentada por Koselleck, a gradativa sobreposição da história como *Geschichte* sobre a história como *Historie*.

A particularidade do conceito de história em Voltaire foi apontada, inclusive, por Maria das Graças de Sousa em sua obra *Ilustração e História*. Para a filósofa, da concepção antiga de história, Voltaire sustenta a visão cíclica do tempo em que o aperfeiçoamento humano está organizado em grandes épocas, mas rejeita a idéia de retorno delas; da concepção linear de história, sustenta a idéia de progresso, mas não a de que há um *telos* em direção ao qual caminhará a humanidade.

Das argumentações desses dois autores, Koselleck e Maria das Graças, pretendemos ressaltar, sobretudo, que em ambas a transição na concepção acerca da história parece se tornar possível quando ocorre uma alteração na concepção do vínculo entre passado, presente e futuro que reserva a esse último a dor e o privilégio da indeterminação. O futuro do século XVIII, sem tutor e sem a promessa da repetição de uma das grandes épocas, é o tempo em que o aperfeiçoamento humano do passado converge para a realização da razão, porque a atividade crítica distingue nele a verdade da ilusão. Porém, ainda assim, em Voltaire, não parece haver outras garantias em relação ao futuro, além daquela que nos diz que ele é um tempo a se construir.

Enquanto filosofia do seu tempo, a obra de Voltaire parece expressar no âmbito intelectual as revoluções ocorridas no seu momento histórico; considerando isso, o desenvolvimento da proposta do presente trabalho seria percorrer a correspondência, o entrelaçamento entre os âmbitos semântico, intelectual e material: ao identificar a mudança no conceito de história, estaríamos apontando para a reformulação do pensamento dos homens e para as revoluções das coisas do mundo.

Palavras-chave: História, Iluminismo, tempo, Voltaire.